



SERPENTES NAS ÁREAS URBANA E PERIURBANA DO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE, RIO GRANDE DO SUL.

Corrêa, D.N.

Santos, M.B.; Tozetti, A.M.

Laboratório de Ecologia de Vertebrados Terrestres, Universidade Federal do Rio Grande, Av. Itália km 8, Rio Grande, 96201 - 900, RS. danii_nay@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O estudo da diversidade é um dos objetivos básicos da Estratégia Global para a Biodiversidade (Wilson, 1992). Entretanto, pouca atenção tem sido dada às regiões urbanas e periurbanas. O estudo sobre serpentes em áreas urbanizadas permite avaliar o grau de plasticidade perante a degradação do ambiente natural (Barbo, 2008). Algumas espécies podem sobreviver nessas áreas devido a existência de fragmentos de habitats naturais e/ou por serem favorecidas pela concentração de presas (Barbo, 2008) tais como roedores e anuros. Por outro lado, a destruição de habitats gera extinções locais que podem alterar profundamente a diversidade biológica (Enger *et al.*, 1989). O município de Rio Grande representa um elemento chave para a preservação da fauna de campos e banhados associada a áreas urbanas. Não obstante, há na região uma crescente pressão antrópica sobre os ambientes naturais, reforçada pela recente ampliação do porto de Rio Grande e expansão urbana (SPG, 2007). Desse modo, a região apresenta uma extensa área de transição entre cidade e banhados, propiciando o desenvolvimento de estudos sobre serpentes e sua associação à modificação do habitat.

OBJETIVOS

O presente estudo teve como objetivo inventariar as espécies de serpentes presentes nas áreas urbana e periurbana do município de Rio Grande. Adicionalmente, os resultados foram comparados com os obtidos em áreas de habitats preservados no entorno da cidade.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi desenvolvido no município de Rio Grande (31°47'02" - 32°39'45" S; 52°03'50" - 52°41'50" W), sob influência do clima subtropical e médias de temperatura máxima anual de 23,3 °C e mínima de 12,7 °C (Maluf, 2000). Os dados foram obtidos a partir de animais capturados em áreas urbana e periurbana do município e enviados espontaneamente pela população à Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Foram compilados os dados de animais recebidos entre abril de 2010 e março de 2011. A maior parcela dos animais foi morta diretamente pela população ou por atropelamento. As serpentes trazidas vivas à FURG foram sacrificadas por meio de anestésico de acordo com autorização obtida junto ao SISBIO. Paralelamente, foi feito um trabalho de conscientização junto aos moradores, os quais não foram estimulados a matar outros animais. Todos os indivíduos foram identificados com utilização de guias de campo e consulta a coleções de outras instituições (e.g. PUCRS e UFRGS), sendo posteriormente fixados e depositados na Coleção Herpetológica do Laboratório de Ecologia de Vertebrados da FURG. Os dados obtidos foram avaliados quanto à riqueza de espécies e abundância. Foi estabelecida uma comparação em relação aos dados obtidos por M.B. Santos (dados não publicados) em áreas preservadas de campos e matas de restinga associados a cordões de dunas na cidade, onde foram empregados quatro métodos de coleta: armadilhas de interceptação e queda, procura limitada por tempo, encontros ocasionais e abrigos artificiais.

RESULTADOS

Foram registrados 109 indivíduos distribuídos em 14 espécies, 13 delas pertencentes à Família Dipsadidae: *Xenodon dorbignyi* (n=42), *Liophis poecilogyrus* (n=20), *Philodryas patagoniensis* (n=11), *Lygophis anomalus* (n=10), *Thamnodynastes hypocoenia* (n=6), *Sibynomorphus ventrimaculatus* (n=3), *Oxyrhopus rhombifer* (n=2), *Phalotris lemniscatus* (n=2), *Helicops infrataeniatus* (n=1), *Liophis jaegeri* (n=1), *Liophis semiaureus* (n=1), *Lygophis flavifrenatus* (n=1) e *Tomodon dorsatus* (n=1) e uma à Família Viperidae: *Rhinocerophis alternatus* (n=8). Para a região preservada, estudada por M.B. Santos (dados não publicados), foram registradas 13 espécies. Houve uma sobreposição de 71% na lista de espécies das duas áreas, sendo *Boiruna maculata*, *Philodryas aestiva* e *Psomophis obtusus* restritas a ambientes naturais. Adicionalmente, *L. anomalus*, *L. flavifrenatus*, *S. ventrimaculatus* e *T.dorsatus* foram registradas apenas para o ambiente urbano. A divergência de resultados obtidos para os dois ambientes pode estar relacionada não apenas à utilização de diferentes métodos de coleta, mas principalmente com o grau de plasticidade ambiental das espécies. Tanto na área urbana quanto na preservada, as espécies mais abundantes foram *X. dorbignyi* e *L. poecilogyrus*. Dentre as menos abundantes e comuns às duas áreas, temos *H. infrataeniatus*, *L. semiaureus* e *O. rhombifer*. Aparentemente, as espécies mais abundantes não dependem diretamente da existência de corpos d'água, sendo terrestres ou semi - aquáticas, o que pode ter - lhes conferido melhor adaptabilidade ao sistema, uma vez que a expansão urbana, em geral, se inicia pelo aterro das áreas de banhados. O número reduzido de registros para *O. rhombifer* pode estar ligado à associação desta a áreas florestais (Lema, 2002). É importante destacar a ocorrência quatro vezes maior de *R. alternatus* em área urbana, que pode estar relacionada à sua atividade noturna e roentivoria (Zanella & Cechin, 2009).

CONCLUSÃO

A adaptabilidade de serpentes está diretamente ligada aos seus hábitos e dietas. A zona urbana do município de Rio Grande e sua associação a ambientes de campos e banhados pode ter favorecido a manutenção de espécies semi - aquáticas ou de dieta associada a presas abundantes em corpos d'água temporários como anuros. Além disso, áreas urbanas costumam favorecer a proliferação de ratos, o que justificaria a alta incidência de *R. alternatus*. Por se tratar de uma espécie de importância médica, vale ressaltar a necessidade de maior atenção quanto à saúde pública em áreas de interface cidade/campo quanto aos riscos de acidentes ofídicos.

REFERÊNCIAS

- Barbo, F.E. 2008. Os répteis no Município de São Paulo: aspectos históricos, diversidade e conservação. In Além do Concreto: contribuições para a proteção da biodiversidade paulistana. (L. R. Malagoli, F.B. Bajsterro & M. Whately, eds). Editora Instituto Socioambiental, São Paulo, p. 234 - 267. Enger, E.D.; Kormelink L.R.; Smith, B.F.; Smith, R.J. 1989. Environmental science: the study of interrelationships. Dubuque, Iowa, WM. C. Brown Publishers, 540p. Lema, T. 2002. Os Répteis do Rio Grande do Sul: atuais e fósseis - biogeografia - ofidismo. Porto Alegre. EDIPUCRS. 264 p. Maluf, J.R.T. 2000. Nova classificação climática do estado do Rio Grande do Sul. Revista Brasileira de Agrometeorologia 8(1): 141 - 150. SPG - Secretaria do Planejamento e Gestão. 2007. Projeto Conservação da Biodiversidade como Fator de Contribuição ao Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.seplag.rs.gov.br/index.asp>. Acessado em junho de 2010. Wilson, E.O. 1992. Estrategia de conservación de la biodiversidad. In: Estrategia Global para la Biodiversidad: Pautas de Acción para Salvar, Estudiar y Usar en Forma Sostenible y Equitativa la Riqueza Biótica de la Terra, pp. 19 - 36. Zanella, N. & Cechin, S.Z. 2009. Influência dos fatores abióticos e da disponibilidade de presas sobre a comunidade de serpentes do Planalto Médio do Rio Grande do Sul. Iheringia., Ser. Zool. 99(1):111 - 114